



TRANSPORTE COLETIVO

DF - efetivo

Um furto registrado ontem pela manhã entre a estação de Águas Claras e o terminal da 114 Sul abre a lista de ocorrências policiais

O ladrão foi ao metrô

Tarciano Ricarto
Da equipe do Correio

Pegando carona na reestréia do metrô, uma onda de crimes pode estar sendo retomada no Distrito Federal. São os delitos praticados nas estações e dependências dos trens. Furto registrado ontem pela manhã, entre a estação de Águas Claras e o terminal da 114 Sul, abriu a lista de ocorrências policiais do metrô candango, que já havia funcionado de maneira experimental, entre agosto de 1998 e agosto de 1999.

Nesse período, quatro ocorrências foram registradas — três furtos e um dano ao patrimônio. A prática é tão comum em cidades como São Paulo, que lá existe uma delegacia especializada em investigar crimes cometidos dentro dos terminais e vagões. No metrô paulista, que já funciona há 26 anos, uma ocorrência, em média, é registrada a cada hora. “Só furtos registramos cinco todos os dias”, afirma Valdir de Oliveira, delegado titular da Delegacia de Polícia do Metropolitano (Delpom).

A primeira vítima de Brasília, após a reinauguração do metrô, sequer prestou queixa. É uma mulher que preferiu não se identificar, temendo represálias. Ela apenas comunicou o furto a um dos agentes de segurança, que mobilizou esquema para pegar o suspeito na estação da 114, quando ele tentava desembarcar.

Magno Jorge da Silva, 32 anos, nega qualquer envolvimento no crime. “Encontraram do meu lado a bolsa de uma mulher. Mas

Acácio Pinheiro



SEGURANÇAS DO METRÔ ALERTAM: OS PERÍODOS MAIS PERIGOSOS SÃO NO INÍCIO DA MANHÃ E NO FINAL DA TARDE

não tive nada a ver com isso”, defendeu-se. Magno Jorge conseguiu se livrar dessa acusação, mas foi preso por outro motivo. Durante revista, um talão de cheques roubado foi encontrado no seu bolso. “Tirei de um mulher ontem (terça-feira) num ônibus”, confessou. Foi levado para a 4ª DP, no Guará, onde os cheques teriam sido furtados.

Como não foi preso em flagrante, vai responder em liberdade pelo crime.

Quando o metrô do Distrito Federal estiver funcionando com toda sua capacidade, a estimativa é de que 80 mil usuários sejam transportados diariamente. Para fazer a segurança desse batalhão de gente, o metrô conta com 65 homens, entre agen-

tes e inspetores de segurança; 75 PMs, da Companhia de Policiamento Metroviário e dezenas de seguranças contratados de uma empresa particular.

Pelo metrô de São Paulo, viajam diariamente 2,6 milhões de passageiros. De acordo com o delegado Valdir de Oliveira, da Delpom, 750 seguranças estão distribuídos nas 46 estações do

metrô paulista. Mas não conseguem conter a onda de crimes. Ele diz que, além dos furtos a usuários, são comuns crimes como assalto a bilheteria, importunação ofensiva, atos obscenos e falsificação de bilhetes. “Até bem pouco tempo, fazíamos dez flagrantes por dia de adulteração de bilhetes. Diminuiu, agora, para três por semana”, comemora.

A recomendação básica para evitar prejuízos no metrô é não portar objetos de valor e não deixar à mostra bolsas ou carteiras. O início da manhã e o final da tarde — que coincidem com ida para o trabalho e volta para casa — são os períodos em que acontecem mais furtos e roubos no metrô paulista.

O procedimento inicial para qualquer pessoa vítima de crime no metrô do DF é comunicar o fato aos agentes de segurança dos terminais, posicionados nas plataformas de embarque e desembarque. “Nosso sistema não é perfeito. Mas podemos cercar as saídas das estações. Com isso, temos grandes chances de prender o responsável pelo crime”, afirma Carlos Pena, assessor de comunicação do metrô do DF.

As estatísticas da delegacia paulista, entretanto, não revelam tanta eficiência. Segundo o delegado Valdir de Oliveira, dos 25 furtos semanais, uma média de cinco flagrante são registrados semanalmente. Ele garante que os homicídios são os crimes mais raros de acontecer nas estações paulistas. “Registramos, normalmente, um por ano”, afirma o titular da Delpom.